

Práticas restaurativas na educação: guia introdutório à promoção da cultura de paz nas escolas por meio de processos circulares

APOIO:



REALIZAÇÃO:



EXPEDIENTE

Ministério da Educação – MEC

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos,

Diversidade e Inclusão – SECADI

Coordenação-Geral de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas –

CGAVE

FICHA TÉCNICA

Título da Publicação: Práticas restaurativas na educação: guia introdutório à promoção da cultura de paz nas escolas por meio de processos circulares

Ano: 2025

Edição: 1^a edição

Local: Brasília-DF

ELABORAÇÃO E COORDENAÇÃO TÉCNICA

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Grupo de Pesquisa: Estudos sobre Violência e Criminalidade na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Práticas Restaurativas nas Escolas.

APOIO TÉCNICO PARA A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos

Escola da Magistratura da AJURIS - Associação de Juízes do Rio Grande do Sul

União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de Sergipe – UNDIME-SE

Este material integra o **Programa Escola que Protege, vinculado ao Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (SNAVE)**, com o objetivo de fortalecer estratégias de prevenção e resposta às violências no ambiente escolar, promovendo a convivência democrática e a cultura de paz. A elaboração deste guia considerou as recomendações do **Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, instituído pela Portaria MEC nº 1.089/2023.**



DIREITOS AUTORAIS

© Ministério da Educação, 2025.

Este documento pode ser reproduzido e distribuído, no todo ou em parte, desde que citada a fonte. **Proibida a comercialização.**

Disponível em: www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege

Sumário

<u>Apresentação</u>	4
<u>Introdução</u>	7
<u>Conflito</u>	12
<u>Tipo de círculos</u>	19
<u>Etapas – círculos mais complexos</u>	32
<u>Elementos do círculo</u>	36
<u>Roteiro do círculo</u>	38
<u>A trilha formativa do facilitador</u>	49
<u>Conclusão</u>	50
<u>Anexos</u>	52
<u>A PRÁTICAS AVULSAS E CÍRCULOS SIMPLIFICADOS PARA FACILITADORES INICIANTES OU SEM FORMAÇÃO</u>	52
<u>B GLOSSÁRIO</u>	57
<u>Referências</u>	58

Apresentação

As violências nas escolas afetam o ambiente educacional com impactos na aprendizagem, no convívio e no desenvolvimento integral de estudantes. **A construção de ambientes escolares seguros, com vínculos fortes e convivência respeitosa, é essencial para a permanência e o sucesso escolar.**

Para apoiar esse objetivo, a Coordenação-Geral de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (CGAVE/SECADI/MEC), em parceria com a Universidade Federal de Sergipe e a Undime-Sergipe, apresenta o seguinte material: *"Práticas Restaurativas na Educação: Guia Introdutório à Cultura de Paz e aos Processos Circulares nas Escolas"*.

Trata-se de um instrumento formativo introdutório que visa apresentar os princípios e fundamentos da metodologia dos processos circulares no contexto educacional, com foco na construção de uma cultura de paz e no fortalecimento das relações na comunidade escolar.

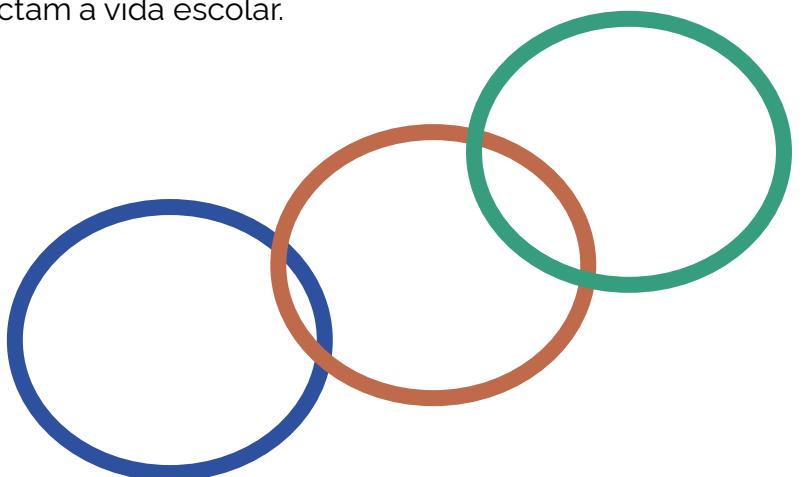
Os círculos, como serão aqui referidos, constituem uma metodologia baseada na escuta, no diálogo e no reconhecimento da diversidade de experiências de vida. Promovem espaços de pertencimento e corresponsabilidade entre os sujeitos escolares. Inspirados nos saberes ancestrais de povos originários, foram sistematizados por um grupo de profissionais liderados pelo juiz canadense Barry Stuart com orientação de Mark Wedge, Harold e Phil Gatensby do povo Tlingit e, posteriormente, integrado por Kay Pranis, através da qual foram introduzidas formações no Brasil a partir de 2010. Cabe destacar que essa referência aos povos originários constitui uma inspiração metodológica e ética, e não uma reprodução direta de suas práticas culturais, preservando o devido respeito a essas tradições. Os círculos reconhecem que cada voz tem valor e dignidade, favorecendo a construção de acordos, o fortalecimento de vínculos e o desenvolvimento da empatia.

Este guia não substitui a formação formal exigida para a facilitação de processos circulares, que requer certificação adequada. Não obstante, a partir da visão geral aqui introduzida, são sugeridas algumas práticas preliminares para serem aplicadas e que não exigem formação.

Além disso, o conteúdo aqui apresentado dialoga diretamente com os cursos autoinstrucionais da plataforma AVAMEC: *"Práticas restaurativas: construindo escolas seguras e promovendo a cultura de paz"* e *"Técnicas de facilitação de círculos restaurativos na 'teia da paz' da escola"*, que possibilitam aprofundamento conceitual e metodológico para profissionais da educação.

A proposta deste guia é oferecer subsídios iniciais para a compreensão das práticas circulares no ambiente escolar, reconhecendo sua relevância não apenas na superação de conflitos mas, sobretudo, na promoção da convivência como parte essencial da formação integral e o papel da escuta, da participação e da construção de vínculos visando ambientes seguros e colaborativos.

Espera-se que este material desperte o interesse em percursos formativos mais aprofundados, sempre com compromisso ético e responsabilidade institucional, contribuindo para ações de prevenção, resposta e reconstrução frente às violências que impactam a vida escolar.



O Programa Escola que Protege (ProEP/SNAVE)

A escola é um espaço privilegiado de convivência, aprendizagem relacional e construção de vínculos. Nesse ambiente, os conflitos devem ser compreendidos e trabalhados como oportunidades pedagógicas. O foco desloca-se da aplicação de uma justiça formal para o fortalecimento de **práticas restaurativas**, que promovem pertencimento, corresponsabilidade, reparação e cultura de paz. Enquanto a justiça restaurativa (JR) costuma ser associada ao sistema de justiça, nas escolas ela se concretiza em práticas restaurativas integradas ao cotidiano escolar, envolvendo estudantes, educadores, famílias e equipes de apoio.

Mais do que um modelo de resolução de conflitos, trata-se de metodologias pedagógicas que transformam a cultura escolar, instaurando novas formas de convivência baseadas na escuta, no diálogo e na reparação coletiva.

O **ProEP/SNAVE** parte do reconhecimento de que diferentes formas de violência afetam o clima escolar, a aprendizagem e a convivência:

- **Violências externas à escola**, como tráfico de drogas, roubos e ataques de violência extrema;
- **Violência institucional**, decorrente de práticas escolares excludentes ou discriminatórias que fragilizam vínculos;
- **Violências cotidianas**, como *bullying*, *cyberagressões*, conflitos interpessoais e discriminações de diversas naturezas.

Essas situações exigem uma **abordagem articulada**, que combine estratégias pedagógicas com ações conjuntas entre educação, saúde, justiça, assistência social e outros setores. O objetivo é avançar na construção de um **pacto nacional em favor de escolas seguras e acolhedoras**, baseado no respeito às diversidades e na promoção da cultura de paz.

O ProEP valoriza iniciativas que fortalecem a convivência democrática, como a **Comunicação Não Violenta (CNV), as práticas restaurativas, a mediação de conflitos e o desenvolvimento de competências socioemocionais**. Nesse sentido, propõe a criação de uma **Rede nacional de fortalecimento das práticas restaurativas nas escolas**, articulando Secretarias de Educação, Tribunais de Justiça, Ministério Público e outras instituições.

O compromisso é que estudantes aprendam, no ambiente escolar, formas de convivência ética e respeitosa, aplicando esses valores também em outros espaços, inclusive no ambiente virtual. Para isso, é essencial fortalecer redes de proteção intersetoriais e reconhecer estudantes como protagonistas na construção de escolas mais justas, seguras e inclusivas.

Acesse o portal do Programa Escola que Protege e acompanhe documentos, orientações, formações e outras iniciativas: www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege.

Introdução

As práticas circulares fazem parte da dinâmica e dos rituais de povos originários em diferentes partes do mundo, sendo possível encontrar registros em sociedades milenares africanas e americanas. Entretanto, os processos circulares, tal qual têm sido difundidos por Pranis, não dizem respeito a práticas específicas, embora seus estudos tenham observado as tradições dos povos originários da América do Norte (Pranis, 2017).

Piedade e Silva (2015) afirmam que diferentes povos originários iniciavam as práticas circulares com cantigas tradicionais, seguidas do momento de fala de cada um dos indivíduos integrantes do círculo. Para assegurar o direito à fala, era costume utilizar objetos representativos como penas de aves ou pedras, passadas entre os participantes, como forma de garantir respeito ao direito de manifestação e à ordem.

A prática foi contemporaneamente introduzida em países como a Austrália, a Nova Zelândia, os Estados Unidos e o Canadá, onde começaram a ganhar espaço em diferenciados ambientes como estratégia de mediação e resolução de conflitos.

Ainda que existam controvérsias sobre as primeiras iniciativas brasileiras de **justiça restaurativa (JR)**, pode-se afirmar que essa abordagem, entendida como um conjunto de princípios, valores e práticas, chegou ao Brasil em meados da década de 1990. Inicialmente, esteve associada à linguagem da **comunicação não violenta (CNV)**, sistematizada pelo psicólogo estadunidense Marshall Rosenberg e ao trabalho do consultor inglês Dominic Barter em contextos comunitários no Rio de Janeiro, embora, naquele momento, ainda não estivesse necessariamente articulada com os conceitos e o movimento internacional que constituem o campo restaurativo.

Inicialmente compreendida como um novo modelo de justiça criminal, contrapondo soluções dialogadas face às práticas tradicionalmente verticais

e impositivas, os postulados da JR têm sido compreendidos como relevantes para compreensão das relações de poder não só no âmbito da solução de conflitos, mas de todas as relações de convivência social. Hoje compreendida mais como uma filosofia sobre relacionamentos, essa visão restaurativa vem sendo difundida nos mais diversos campos das organizações e da convivência social, tendo nas práticas restaurativas o seu veículo de concretização e promoção de ambientes humanos, mais horizontais, responsáveis e colaborativos.

No âmbito do sistema de justiça brasileiro, as práticas circulares começaram a ser utilizadas a partir do início dos anos 2000 e no âmbito do sistema judiciário do Rio Grande do Sul, que, em 2010, formalizou a sua primeira Central de Práticas Restaurativas, no âmbito do Juizado da Infância e Juventude de Porto Alegre.

Fundamentadas em um procedimento de consenso, que possibilita a restauração de relações danificadas pelo conflito, as metodologias restaurativas partem de uma visão fundada em princípios e valores, focada na solução dos problemas visando compromissos de melhorias futuras: um contraponto à concepção da tradicional justiça retributiva, que fixa na culpa pelos erros passados e foca na reação punitiva às infrações cometidas.

Para Pelizzoli (2014), as práticas circulares possuem um papel mais amplo, não se limitando apenas ao âmbito judicial, avançando como práticas adequadas às mais diversas esferas, como em questões relacionadas à aceitação das diferenças, perdas, conflitos escolares, entre outros.

Quando as metodologias circulares são utilizadas como estratégia de prevenção ao conflito e à violência ou ainda para sanar dificuldades enfrentadas por razões diferenciadas, os seus resultados são consideráveis, pois permitem a resolução de problemas ou o estabelecimento de novas motivações, estimulando as trocas de experiências e as reflexões no espaço coletivo, onde todas as pessoas podem colaborar reciprocamente.

Os círculos contam com a presença de um facilitador, que tem por intuito promover a metodologia na busca de proporcionar conexão entre os participantes, a fim de abordarem questões difíceis e resolverem problemas. Em situações de conflito, também podem ser chamadas outras pessoas que possam contribuir para a construção dos acordos pactuados, promovendo a melhoria da qualidade dos relacionamentos interpessoais, por meio de um convívio respeitoso e qualificado.

Pranis (2011) deixa evidente que o uso da metodologia do círculo não é algo simplório, apenas colocando as cadeiras em posicionamento circular. Para ela, é imprescindível que se haja uma preparação para que o uso da técnica ocorra de forma satisfatória, produzindo os resultados esperados.

O exemplo a seguir, retirado do livro "Processos circulares de construção de paz" reporta a exposição de humilhação sofrida por uma menina vítima de violência na escola. A mãe da estudante autora da agressão manifestou solidariedade e compartilhou as situações estressantes que vivia. Ela mencionou a separação do marido e a dificuldade de lidar com o sofrimento da filha diante do ocorrido. Admitiu que, naquele momento, não conseguia elaborar seu próprio sofrimento, o que a fazia se sentir impotente. A filha relatou o quanto se sentia perdida, cheia de incertezas, e que encontrou no comportamento agressivo um meio de se sentir forte e poderosa. Assim, a menina assumiu a responsabilidade pelo ato e, ao final, firmou o acordo de permanecer na escola dois dias na semana, por dois meses, para estudar e, eventualmente, auxiliar crianças menores que apresentavam dificuldade de aprendizagem

Antes ainda de equipar a comunidade escolar para o enfrentamento e superação de situações de conflitos e violências, as práticas restaurativas concorrem para edificar e fortalecer a escola enquanto espaço organizacional, tornando possível criar uma condição de desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes e de sucesso do processo pedagógico.

A prática tem demonstrado que o envolvimento participativo de toda comunidade escolar na tomada de decisão para o enfrentamento e resolução dos problemas comumente vivenciados na escola promove o sentimento de corresponsabilidade. A vulnerabilidade social ou de defasagem educacional condicionam adolescentes e jovens ao abandono e evasão escolar precoce, entregando-os à mira do envolvimento com as estatísticas ligadas às mortes e à criminalidade violenta.

Sobre o tema, foi lançado no dia 3 de setembro de 2024, pelo Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CPPHA), um estudo inédito e intersetorial intitulado “O impacto das múltiplas violações de direitos contra crianças e adolescentes - Uma análise intersetorial sobre as mortes violentas de crianças e adolescentes no estado de São Paulo de 2015 a 2022”. Esse estudo é resultado de uma iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Justiça e Cidadania. Nele, **identificou-se a evasão escolar precoce como causa central para a letalidade violenta de jovens** no estado de São Paulo, haja vista que **70% das mortes ocorreram entre 1 e 2 anos após a evasão escolar:**

O acesso e a permanência na escola são fatores fundamentais para proteger a vida de crianças e adolescentes. Entre 2018 e 2020, do total de adolescentes mortos de forma violenta, 53% foram identificados na base da Secretaria Estadual de Educação (Seduc). Entre os identificados, 66% tinham evadido da escola. Ou seja, **2 em cada 3 adolescentes que morreram de forma violenta no estado de São Paulo estavam fora da escola (sem ter concluído o ensino médio) quando morreram.**

Foi possível ainda identificar que entre os 699 adolescentes encontrados na base de dados da secretaria, mais da metade (51%) abandonou a escola entre o 9º ano do Ensino Fundamental e o 2º ano do Ensino Médio. **O ano crítico de abandono parece ser o 1º do Ensino Médio, quando quase 1 em cada 3 desses adolescentes abandonou a escola.** Esses adolescentes tinham entre 15 e 16 anos quando evadiram e já haviam sido reprovados pelo menos 1 vez durante sua trajetória escolar (na maioria dos casos, 2 vezes ou mais).

Também é alarmante que, em 70% dos casos, a morte ocorreu entre 1 e 2 anos depois da evasão escolar. (grifos nossos) (UNICEF, 2024).

Desenvolver estratégias de acolhimento e pertencimento de estudantes à escola é crucial não apenas para o processo de ensino-aprendizagem, mas também para fortalecer a rede de proteção à vida de crianças e adolescentes em nosso país. A escola, em articulação com a família, a comunidade e o Estado, desempenha papel central ao garantir condições de acesso, permanência, participação e sucesso escolar, elementos que contribuem de forma decisiva para a proteção integral de crianças e adolescentes.

O desenvolvimento pleno e integral, enquanto objeto da educação, sobrepõe-se à mera transmissão de conteúdos e projeta-se para a disseminação de estratégias asseguradoras da construção de uma sociedade orientada pelo respeito a todas as pessoas e a proteção da dignidade humana, determinantes para a formação crítica de estudantes para o exercício da cidadania.

Conflitos fazem parte da vida escolar. A escola é um espaço de convivência intensa e diversa, e é natural que surjam conflitos. **Quando bem geridos, eles podem se transformar em oportunidades de aprendizado, fortalecimento de vínculos e crescimento moral para todos os envolvidos.**

A JR propõe uma abordagem diferente da punição tradicional: em vez de focar apenas na quebra da regra, busca compreender o dano causado, estimular a responsabilidade de quem o cometeu e atender às necessidades de quem foi afetado, por meio do diálogo e da corresponsabilidade.

A JR valoriza a **escuta ativa, o pertencimento e a reparação**, contribuindo para a construção de **comunidades escolares mais seguras, acolhedoras e colaborativas, promovendo empatia, autonomia e cultura de paz.**

Conflito

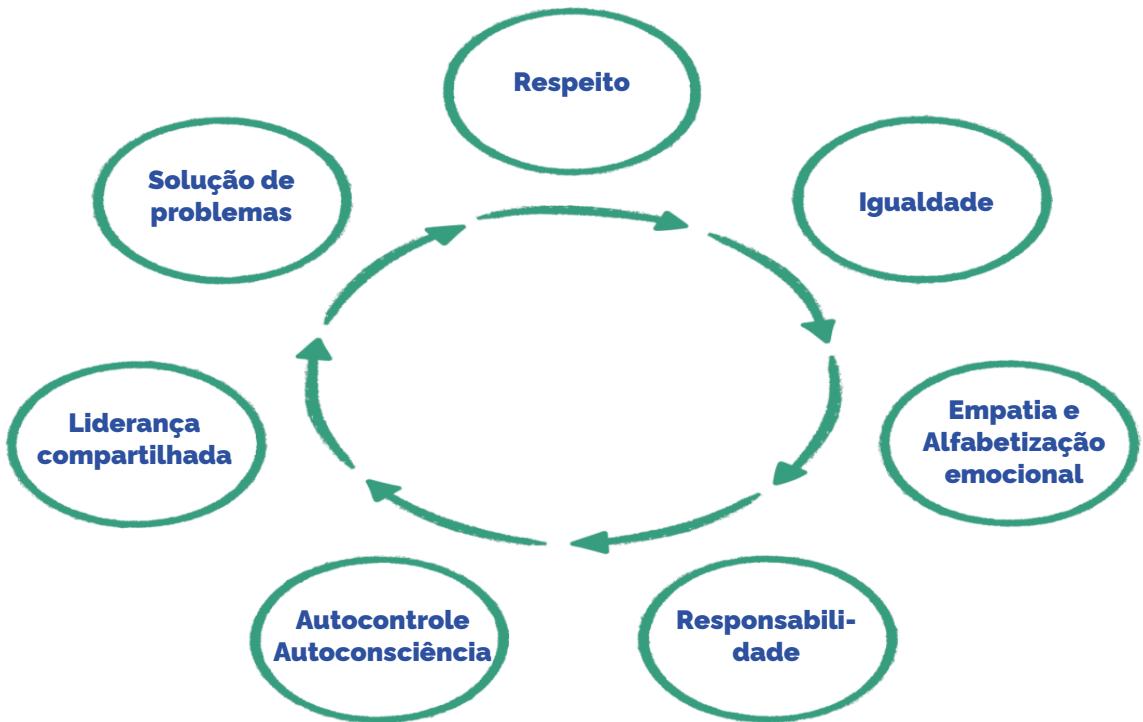
Fenômeno clássico das relações humanas, o conflito se caracteriza pela divergência de opiniões ou percepções, com base em determinada ação ou maneira de pensar dos indivíduos

As situações de conflito podem ser classificadas em três diferentes tipos: o conflito intrapessoal, o conflito interpessoal e o conflito intergrupal. O conflito intrapessoal ocorre exclusivamente de modo individual, manifestando-se em tensões de ordem perceptiva ou pessoal. Já o conflito interpessoal surge da falta de sintonia entre os pensamentos e as ideias entre pessoas de um mesmo grupo. Por fim, o conflito intergrupal envolve tensões entre diferentes grupos, que se contrapõem e cujos interesses são divergentes.

O conflito interpessoal é o mais conhecido dentro das relações pessoais, visto que ele se dá por meio da divergência de pensamentos e opiniões em torno de um mesmo objeto. O desgaste promovido nas relações a partir do estremecimento de opiniões e posicionamentos, representa, em muitos momentos, a deterioração da relação que pode atingir níveis devastadores e promover situações irreversíveis.

A escola é um espaço em que essas situações podem ocorrer e, diante da diversidade de circunstâncias, muito em razão da variedade de pessoas que nela convivem, todos precisam estar preparados para a compreensão da heterogeneidade, para a aceitação das diferenças e para a superação das tensões próprias da convivência coletiva.

Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson apresentam, no manual "Círculos em movimento", o poder e o desafio na incorporação das práticas circulares na ambiência escolar. Apesar dos desafios, é possível **identificar habilidades estratégicas ao ensino-aprendizagem que são estimuladas, praticadas e desenvolvidas em círculo** (2011, p. 23-26):



- **Respeito:** cada perspectiva é valorizada como sendo significativa;
- **Igualdade:** as expectativas são as mesmas para todas as pessoas, tanto para os adultos quanto para os estudantes;
- **Empatia e alfabetização emocional:** no espaço do círculo, temos maior oportunidade de refletir sobre o que estamos sentindo e de falar sobre nossos sentimentos, muito mais do que em conversas normais;
- **Responsabilidade:** não há como esconder-se “por trás de uma classe” e ninguém senta atrás de ninguém;
- **Autocontrole e autoconsciência:** cada participante está exercendo autocontrole para que o círculo seja possível;
- **Liderança compartilhada:** o círculo é uma prática de democracia na qual todas as vozes são ouvidas e todos os interesses devem ser tratados com dignidade;
- **Solução de problemas:** no círculo, nós agimos a partir da confiança que temos na capacidade inata dos seres humanos como seres coletivos para avançarmos por lugares difíceis sem a ajuda de especialistas.

Como destacam as autoras, o mais importante é que essas habilidades sejam incorporadas por estudantes e adultos, paulatina e naturalmente, às suas interações quando não estiverem em círculo:

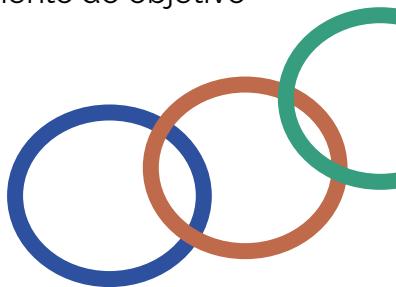
"(...) Quanto mais um grupo vem a conhecer e a usar os círculos, esses fatores ficam menos óbvios. Eles se entrelaçam com a maneira que a comunidade se reúne, até que eles pareçam quase invisíveis – simplesmente uma segunda natureza." (Boyes-Watson, Pranis, 2011, p. 330)



A facilitação

A facilitação ocorre enquanto auxílio para proporcionar um encontro dialógico, capaz fortalecer os laços de convivência, compartilhar saberes e sentimentos, e, inclusive, contribuir para a transformação do conflito.

Neste caso, a metodologia do círculo pode e deve ser usada em todos os ambientes em que o equilíbrio esteja ameaçado. Entretanto, nem todos os círculos tem a função mediadora; ainda assim, todas as tipologias exigem a facilitação como elemento determinante. Nos casos em que o círculo é indicado para uma situação de conflito, a facilitação se define como exercício de conduzir os participantes ao processo de reflexão necessário ao atendimento do objetivo proposto.



O papel do facilitador

É importante que o facilitador tenha ciência do caso e/ou assunto que será abordado no momento de realização do círculo para que seja possível traçar a melhor forma de conduzir a sua realização com conhecimento, podendo desta forma, notadamente em casos mais complexos, esmiuçar possíveis dúvidas e anseios que determinaram a aplicação da metodologia circular.

O facilitador é a responsável pela condução de todas as etapas da aplicação da metodologia, estabelecendo a comunicação entre os participantes, garantindo a manutenção do respeito entre todos, bem como a ordem sequencial das etapas do círculo. Vale salientar que o facilitador não controla os assuntos levantados pelo grupo, nem tenta levar o grupo para um determinado resultado, mas – através do planejamento das etapas e das perguntas orientadoras – ajuda o círculo a atravessar momentos desconfortáveis. A sua principal função é utilizar a técnica para criar uma ambiência emocionalmente segura, que favoreça o diálogo respeitoso e apoie aos participantes envolvidos a buscarem as soluções favoráveis para o sucesso do círculo, garantindo, assim, o alcance dos objetivos propostos. Portanto, o facilitador deve consolidar o conceito de que o círculo é um espaço de liderança compartilhada e de construção coletiva de responsabilidade.

Os 4 componentes da CNV:

A psicóloga Silvia Silva explicita que o termo “não-violência” vem do sânscrito e significa “ausência do desejo de ferir ou matar”. Essas considerações foram evidenciadas no artigo de sua autoria intitulado “O que não é violência”, remetendo a origem do termo à década de 1960, durante o movimento a favor dos direitos civis e contra a segregação racial nos Estados Unidos.

A CNV é uma forma de abordagem que tem como foco estimular a harmonia e desenvolver a empatia nos relacionamentos interpessoais, tendo em vista a consciência de si mesmo, de como reagimos frente aos desafios da vida e de que forma a atitude do outro nos afeta.

Acredita-se que a experiência circular articula os 4 componentes da CNV de modo a conduzir – de maneira leve e fluida – os participantes a:

- 1.** Observar sem pré-julgamentos;
- 2.** Identificar seus sentimentos;
- 3.** Conectar seus sentimentos com suas necessidades;
- 4.** Fazer um pedido direto, que seja suficiente para “endireitar as coisas para o futuro”.



Assim como na convivência humana, as relações escolares e pedagógicas são marcadas pelo diálogo, desde os mais distantes tempos das sociedades. Entretanto, a prática do diálogo enfrenta obstáculos característicos da convivência coletiva, quando o respeito ao posicionamento do outro nem sempre corresponde a uma condição comum.

Nesse sentido, é fundamental construir um bom diálogo, utilizando-o como ferramenta essencial para as relações humanas e para o manejo de conflitos. O diálogo genuíno envolve elementos como empatia, motivação, clareza, firmeza, iniciativa, competência, apoio e solidariedade. Além disso, expressões como emoções, sorrisos, olhares e gestos, junto à escuta ativa, podem ser ainda mais significativas do que as palavras faladas (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2014, p. 26). Assim, o diálogo não apenas facilita o reconhecimento e a aceitação das experiências alheias, mas também promove uma conexão autêntica entre os participantes.

Ainda segundo Paulo Freire (1983), "o diálogo é troca de entendimento e quem o inicia deverá procurar o retorno da outra pessoa para saber se a mensagem foi recebida e compreendida". Dessa forma, ao estimular o diálogo, a escola define, em seu espaço, o fortalecimento da comunicação saudável, que permite a presença de gestos, de emoções e de palavras relevantes ao convívio em coletividade, notadamente para crianças e adolescentes em processo de desenvolvimento.



Educador(a), o que você pode fazer na prática?

- **Reveja sua forma de lidar com conflitos:** em vez de perguntar "Quem errou e como punir?", pergunte:
 - Qual pessoa foi prejudicada?
 - Quais são suas necessidades?
 - Quem pode ajudar a reparar?
- **Implemente círculos de convivência:** utilize círculos de abertura e fechamento do dia, de escuta, de acolhimento e de transformação de conflitos. Eles promovem a fala segura e empática, gerando escuta ativa e colaboração.
- **Envolve estudantes e colegas nas decisões:** construa regras e combinados coletivamente. Crie espaços onde todos possam participar, se engajar e se responsabilizar pelo clima da escola.
- **Capacite sua comunidade escolar:** busque formação em práticas restaurativas para você e sua equipe. Promova rodas de conversa com famílias, estudantes, equipe técnica e comunidade.
- **Atue de forma preventiva:** traga temas como convivência, empatia, diversidade e cidadania para o currículo e para as práticas pedagógicas cotidianas. Não espere o conflito virar crise para agir.

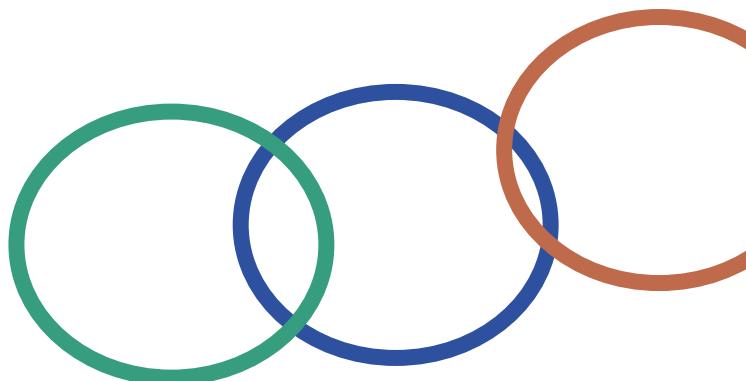


Tipos de círculos

Há uma infinidade de formas flexíveis de praticar o círculo, aplicáveis em diversos ambientes e contextos, seja para o **compartilhamento coletivo de ideias e sentimentos** (estreitamento de vínculos) ou para o **atendimento das demandas** (para tomada de decisão no coletivo). Todas as tipologias, entretanto, reforçam os vínculos e fortalecem as relações.

Kay Pranis elenca um rol que diferencia as múltiplas funcionalidades dos círculos de construção de paz. Por causa da flexibilidade e do poder do processo circular, as pessoas usam os círculos para propósitos diversos. A seguir apresentamos uma lista, apenas exemplificativa, de tipos de círculos (PRANIS, 2011, p. 13):

- 1.** Celebração;
- 2.** Diálogo;
- 3.** Aprendizado;
- 4.** Construção de senso comunitário;
- 5.** Compreensão;
- 6.** Restabelecimento/cura;
- 7.** Apoio;
- 8.** Reintegração;
- 9.** Tomada de decisão grupal;
- 10.** Conflito/“disciplina restaurativa”.



Vista de uma forma mais ampla e dinâmica, as práticas restaurativas não precisam ser necessárias e rigorosamente estruturadas segundo esta ou aquela metodologia. O importante é que elas ensinam, a partir da sua aplicação

estruturada e formal, a compreender e incorporar habilidades atitudinais capazes de promover engajamento, distensionar ambientes, resolver problemas e superar conflitos de modo deliberado e seguro. A “sequência contínua das práticas restaurativas” proposta pelo professor norte-americano Paul McCold permite visualizá-las segundo sua gradação de menor ou maior formalidade:

CONTINUUM DAS PRÁTICAS RESTAURATIVAS

INFORMAIS

FORMAIS



De forma semelhante, os círculos de construção de paz são classificados considerando a complexidade de cada contexto de aplicação. Os seus diferentes níveis de complexidade podem requerer, também, diferentes níveis de habilidades do facilitador.

São compreendidos como CÍRCULOS DE MENOR COMPLEXIDADE aqueles destinados a diferentes tipos de conversações intencionais sobre temas determinados, não *a priori* relacionadas a uma situação conflitiva ou problema específico a ser resolvido. São momentos que promovem conexão coletiva e proporcionam interações mais significativas sobre a pauta que ensejou o encontro. Embora a classificação como menos complexos, por ocasião desses círculos, sempre é possível eclodir algum tensionamento conflitivo, por exemplo, envolvendo queixas de intimidação sistemática (*bullying*) ou discriminação, que o facilitador precisará estar preparado para enfrentar.

Por sua vez, OS CÍRCULOS DE MAIOR COMPLEXIDADE são dedicados à abordagem de situações *a priori* controvertidas, de impacto traumático ou em

que há encontro de pessoas envolvidas em conflitos. Ou seja, possuem essa característica quando há a presença de um conflito concreto ou de um fato específico que gerou impactos emocionais ou prejuízos às pessoas envolvidas. Esses círculos podem culminar na construção de consensos formalizados por meio de planos de ação ou acordos assinados por todos os participantes. Tais instrumentos visam orientar ações futuras que possam promover a restauração e o fortalecimento das relações.

A socióloga Kay Pranis ilustra a aplicabilidade dos círculos segundo sua complexidade progressiva na forma de uma pirâmide, ilustrando que, embora denominados "de menor complexidade", os círculos de diálogos não conflitivos são aqueles cuja aplicação cotidiana se mostra mais relevante na construção de uma comunidade escolar mais segura:

PRÁTICAS RESTAURATIVAS COMO FUNDAMENTO DA CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE SEGURA



Adaptação dos círculos à realidade escolar

Os círculos são uma ferramenta versátil. Os diferentes tipos de círculos apresentados a seguir podem ser adaptados às necessidades pedagógicas, na ambiência escolar, para as mais diversas finalidades. Como é possível ver adiante, pode-se, inclusive, fazer uso separadamente de alguns dos elementos constitutivos da sua estrutura metodológica, em aplicações mais informais.

Na escola, quando o dano acontece a partir de uma situação conflitiva, pode-se propor uma abordagem restaurativa mais formal, a partir do círculo de conflito - que, para fins de adaptação à linguagem pedagógica, é possível denominar de "círculo de disciplina restaurativa".

Na sequência, serão exploradas algumas das principais aplicações dos círculos de paz:

CÍRCULOS MENOS COMPLEXOS



Círculo de celebração

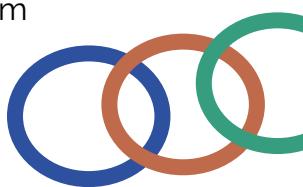
Esse tipo de círculo é utilizado para celebração de eventos festivos, tais como aniversários ou conquistas coletivas e individuais que mereçam ser reconhecidas.

É comum entre os grupos de trabalho, no momento em que é importante avaliar o significado de um ganho ou vitória, ou até mesmo para o cumprimento de acordos conjuntos estabelecidos e com resultados alcançados. Logo, é bastante estratégico para celebrações no cotidiano escolar.

Círculo de diálogo

Nesse processo, os participantes aprendem a esquematizar, criar e promover o círculo como um lugar humanizado e seguro para o compartilhamento do diálogo.

O objetivo é abordar uma temática específica a partir de múltiplos olhares, permitindo que todas as vozes sejam escutadas de maneira respeitosa, em busca de oferecer diversas perspectivas que estimulem a reflexão e o aprofundamento sobre a temática central. O círculo de diálogo não está voltado para um participante em especial, mas para o coletivo.



Círculo de aprendizagem

Os processos circulares, bem como os princípios restaurativos do diálogo, da empatia, da CNV e do protagonismo, entre outros, são pertinentes como prática pedagógica, podendo ser integrados didaticamente a outras concepções de ensino e aprendizagem. O objetivo é utilizar o processo circular para o ensino ou para partilha de informações, numa perspectiva de construção coletiva e participativa da aprendizagem.

Até mesmo na problematização no círculo, das dificuldades vivenciadas pelos participantes nos processos de aprendizagem, a escola pode compreender os gargalos que impedem a realização da aprendizagem de um determinado componente curricular.

Círculo de construção de senso comunitário

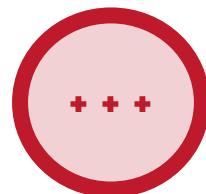
Essa modalidade tem como foco a construção, a conscientização e o reconhecimento da essência de cada participante. Para alcançar os objetivos do círculo, é fundamental identificar os valores individuais de cada pessoa, os quais servirão como base para relações saudáveis e respeitosas dentro da comunidade.

Esse tipo de círculo é indicado para fortalecer os compromissos éticos do grupo, promovendo a expressão e a escuta dos valores de seus integrantes. Seu propósito é criar vínculos e construir relacionamentos entre pessoas que compartilham um interesse comum, apoiando a realização de ações coletivas baseadas na corresponsabilidade

Um círculo de senso comunitário pode ser realizado, por exemplo, na própria sala de aula, com a participação de estudantes e professores. Durante a prática, são definidos valores e pactuadas combinações baseadas nesses valores. Tais acordos podem ser revisitados e ajustados ao longo do tempo, mas servem como referência para a manutenção dos compromissos assumidos no coletivo.

O consenso faz parte da etapa da construção das diretrizes (como em todos os outros tipos de círculos restaurativos) e também é retomado ao final da prática, ao se planejar se essas combinações serão formalizadas como parte dos acordos de convivência da turma.

CÍRCULOS MAIS COMPLEXOS



Círculo de compreensão

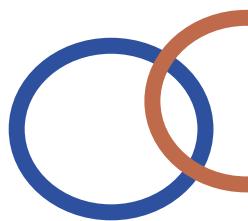
O principal objetivo do Círculo de Compreensão é promover o diálogo acerca da **compreensão** de algum **aspecto de um conflito ou situação difícil**. Auxilia, assim, os participantes a identificarem as dificuldades que cercam suas vidas, quando precisam reconhecer que os problemas vivenciados não foram causados por elas.

De regra, não é um círculo para tomada de decisões e, portanto, não é necessário chegar a um consenso. Contudo, caso foque em uma pessoa ou pessoas específicas, é interessante que haja uma preparação mais cuidadosa,

para garantir o apoio adequado a esses participantes. Esta preparação deve garantir o envolvimento de pessoas que sejam capazes de trazer perspectivas diversas, necessárias para uma compreensão mais plena da situação.

Utiliza-se o círculo de compreensão nas escolas, por exemplo, em situações que demandem a necessidade de responsabilização diante de um ato de violência experimentada no universo doméstico ou ainda diante de determinadas formas de abuso.

Quando a metodologia acontece com sucesso, os participantes poderão fazer escolhas mais conscientes, evitando ou diminuindo os impactos negativos causados pelas injustiças praticadas contra suas vidas.



Círculo de superação (ou círculo de cura)

Tem como objetivo principal oferecer um espaço de **partilha da dor** de pessoas que passaram por traumas, perdas ou situações potencialmente traumáticas. Embora, a partir desse processo, seja possível construir coletivamente formas de apoio que se estendam para além do círculo, esse não deve ser entendido como seu objetivo central.

Por se tratar de um momento de acolhimento após experiências de sofrimento intenso, os preparativos devem ser conduzidos com extremo cuidado. É fortemente recomendado que o círculo conte com a presença de um profissional devidamente formado em Primeiros Socorros Psicológicos, capaz de oferecer suporte técnico, garantir a segurança emocional do grupo e intervir, se necessário, em situações de crise.

É fundamental que a participação seja sempre voluntária, evitando qualquer forma de imposição. Deve-se ter atenção aos riscos de revitimização e à possibilidade de ativação de gatilhos emocionais durante o encontro, assegurando também a disponibilidade de encaminhamento a serviços de apoio

profissional individualizado para quem precisar de atenção emergencial.

Outro ponto essencial é que, em eventos individuais ou coletivos de crise emergencial com potencial traumático, os círculos não devem ser acionados como resposta imediata (curto prazo). Sua realização é indicada como parte das ações de médio e longo prazo, quando a comunidade já dispõe de maior estabilidade emocional e segurança para elaborar a experiência vivida.

Assim, o círculo de superação busca equilibrar partilha, escuta e solidariedade, preservando o bem-estar de cada participante e respeitando os limites individuais diante da dor vivida.

Círculo de apoio

São propostos para oferecer suporte às pessoas que necessitam empreender **mudanças significativas** em seu comportamento ou em situações vivenciadas. É indicado quando o indivíduo precisa de atenção específica, e pode contar com o apoio de pessoas de sua convivência para contribuir na elaboração de um planejamento que promova as mudanças almejadas.

Segundo relato de Kay Pranis, esse círculo teve origem no Canadá, com pessoas que cometiam abusos sexuais. Como o objetivo é oferecer suporte para momentos de transição, de regra os círculos de apoio ocorrem reiteradamente, ao longo de determinado período de tempo (geralmente por um ano com encontros semanais) para reiterar os esforços para alcance do objetivo. Os preparativos e a organização do primeiro círculo são trabalhosos, mas os subsequentes vão seguindo as necessidades que vão sendo levantadas a cada encontro. Esse círculo também é adequado para oferecer suporte a pessoas que possuem dependência química e que estão em processo de desintoxicação.

Na escola, pode colaborar com as crianças e os adolescentes em situações de retorno ao convívio/rotina escolar, depois de um período de afastamento em razão de experiências traumáticas, seja por questões de desajuste pessoal ou por situações de vulnerabilidade pessoal ou familiar.

Círculo de reintegração

Indicado quando há uma necessidade de **(re)integração de pessoas** que estejam chegando ou tenham sido excluídas temporariamente do grupo, este círculo estimula a empatia o acolhimento, a aceitação, a inclusão ou a reconciliação de indivíduos ou de grupos de pessoas, para facilitar a chegada ou reinserção ao ambiente do qual foram temporariamente afastados.

São utilizados, por exemplo, no retorno de alunos evadidos, em caso de ausência prolongada de estudante, motivada por condições médicas ou por qualquer motivo, ou ainda com jovens e adultos vindos de prisões ou instituições correcionais, na transição de militares que voltam para suas comunidades após servir em regiões de conflito armado.

É possível destacar dois objetivos principais: encontrar soluções acerca de problemas não resolvidos e elaborar uma meta para o sucesso da reintegração à comunidade. Frequentemente, estes círculos desenvolvem acordos consensuais e culminam num plano de ação, sendo assim, demandam preparação individual cuidadosa do facilitador e dos participantes por ocasião dos encontros preparatórios.

Para crianças e adolescentes, sentir-se querido ou aceito é muito significativo e a aplicação desse tipo de círculo favorece a (re)integração ao grupo, ao promover a manifestação proativa pelo retorno e permitir que o sentimento de pertencimento seja fortalecido.

Com a aplicação da metodologia circular, é possível diminuir o constrangimento, muitas vezes provocado pela própria comunidade escolar, que, de forma inadequada, manifesta atitudes preconceituosas em relação à interrupção da vida escolar. Estudantes que se sentem em um estado de fragilidade podem reincidir em seus comportamentos, abandonar ou evadir-se da escola. É importante que no círculo as causas possam ser compreendidas e a comunidade volte a acolher essa pessoa.

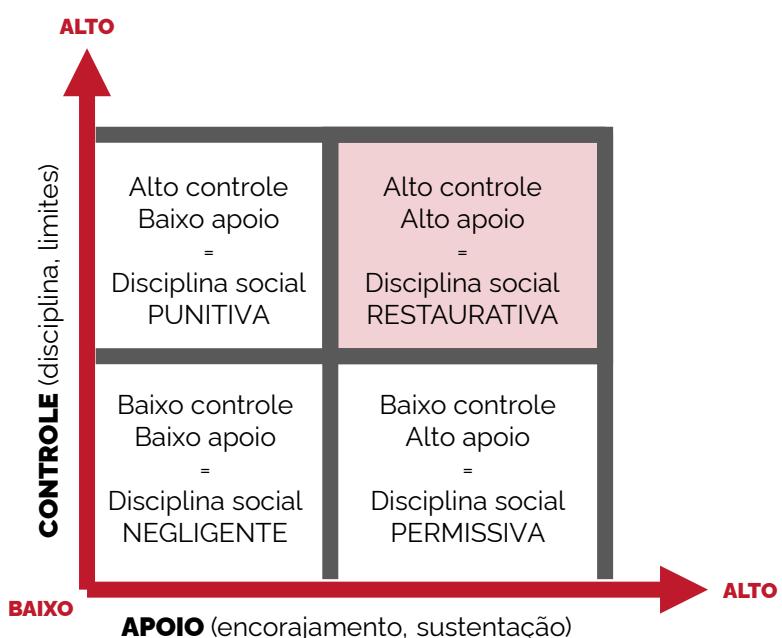
Círculo de tomada de decisão

Esta metodologia é usada para reunir pessoas em torno de um assunto específico que determine a tomada de **decisão coletiva**, sendo imprescindível que a decisão seja favorável a todas as pessoas envolvidas. Deve ser utilizada sempre que um problema individual ou uma situação que determine uma deliberação afete a coletividade.

As decisões adotadas devem ter como base o bem comum para todas as pessoas envolvidas na demanda motivacional da aplicação da metodologia circular. A preparação é parte importante do processo e poderá exigir a realização do "Círculo de Compreensão" ou do "Círculo de Construção de Senso Comunitário" antes que o grupo se reúna para a tomada de decisão.

Círculo de conflito ou de “disciplina restaurativa”

A abordagem da JR representa uma terceira via para **resolução** de um clássico **dilema** entre CONTROLE (disciplina, limites) x APOIO (encorajamento, sustentação). Esse dilema foi equacionado por Ted Wachtel e Paul McCold ao proporem o modelo gráfico da **janela da disciplina social**:



Como ilustrado no gráfico, um ambiente de convívio que não oferece limites, e tampouco cuida dos seus integrantes, resulta numa disciplina **NEGLIGENTE**. Quando se mostre condescendente ou ofereça proteção excessiva, sem estabelecer limites, estabelece uma disciplina **PERMISSIVA**. Ou ainda, quando se ocupa apenas dos limites, sem atender às necessidades que se encontram por detrás das atuações disruptivas, revela uma disciplina **PUNITIVA**. Já uma **DISCIPLINA RESTAURATIVA** será aquela em que as funções de interdição são nitidamente exercidas, estabelecendo limites objetivos, mas isso sem deixar de escutar as necessidades não atendidas que provavelmente estejam provocando essas atuações disruptivas, de modo a poder oferecer os correspondentes cuidados.

O círculo de conflito aciona esse vetor restaurativo de força ao criar um espaço de diálogo para a transformação de conflitos, com o intuito que os participantes possam ser ouvidos de forma respeitosa, em igualdade de condições e significância.

A resolução se forma por meio de um acordo consensual. Para tanto, faz-se necessário uma preparação individual minuciosa, inclusive com encontros, em separado, dos participantes diretamente envolvidas na situação conflitiva com o facilitador.

Na escola, a metodologia circular pode ser utilizada como ferramenta preventiva de enfrentamento a todos os tipos de violência, disseminando fundamentos e conceitos da cultura de paz e da CNV.

Logo, quando o conflito acontece e, sobretudo, quando a situação conflitiva demanda reparação de dano, a abordagem restaurativa nos ensina que é possível construir senso de autorresponsabilidade e aplicar disciplina de maneira ativa e construtiva, afastando-se do modelo punitivo padrão, que reforça estereótipos e é pouco eficaz quanto sensibilização e conscientização do ato e da consequência gerada. A resposta exclusivamente punitiva é pouco resolutiva quanto ao acolhimento das pessoas afetadas, à reparação do dano,

bem como à construção de planos para o futuro, que previnem a reiteração do comportamento ou da situação conflitiva. Nesse ponto, também é importante buscar a reflexão do que é responsabilização individual e responsabilização coletiva - o que a comunidade pode fazer para evitar que essa situação se repita.

A Disciplina Restaurativa se amolda aos fins pedagógicos, ou ao que se espera de uma intervenção de caráter disciplinar dentro da ambiência escolar, que visa o desenvolvimento integral para a formação do cidadão, em comparação à resposta punitiva, excludente e pouco criativa, que se padronizou nos Regimentos Escolares, de aplicação da advertência, da suspensão e da expulsão. Esta fórmula, longe de atingir quaisquer fins pedagógicos de transformação do aluno ou da aluna que cometeu o erro, acaba por estimular o abandono ou a evasão escolar precoce, colocando em xeque suas possibilidades de um futuro digno.

É estratégico para o enfrentamento do abandono, da evasão escolar e, principalmente, da geração de sentimento de rancor que acomete os envolvidos em conflitos escolares com intervenções punitivas, adotar intervenções e práticas de acolhimento e responsabilidade ativa, que envolve autorresponsabilidade, por parte de quem cometeu o dano, e corresponsabilidade, por parte de toda a comunidade escolar. Isso permite que haja a construção de uma resposta ao conflito que repare o dano, ao mesmo tempo em que acolhe todas as partes envolvidas no conflito, inclusive, quem praticou o ato, apostando, assim, no pertencimento de todas as pessoas à escola.

É pedagógico ensinar que é possível construir respostas coletivas e construtivas aos conflitos, a partir do diálogo respeitoso e da reparação de danos acordada coletivamente para a transformação das relações no ambiente escolar.

Educador(a), o que você precisa saber?

- **Cada escola tem um contexto específico:** adapte as práticas restaurativas à sua realidade, respeitando tempo, cultura, estrutura e recursos disponíveis;
- **Comece aos poucos:** experimente círculos em reuniões pedagógicas, atividades com a turma ou atendimento individual;
- **Saiba que o círculo não substitui regras:** mas transforma a forma de construí-las e aplicá-las;
- **Traga a comunidade para junto:** a justiça restaurativa é mais potente quando integra famílias, estudantes e profissionais.



Etapas - círculos mais complexos

O procedimento de formação e realização dos círculos mais complexos ou conflitivos¹ ocorrem conforme será apresentado a seguir:

1. Pré-círculo

É uma etapa de preparação em que o facilitador, conhecendo o contexto, monta o roteiro e escolhe o objeto da fala que será significativo para os participantes do círculo.



O facilitador deve deixar explícito, nesta etapa, que a participação dos envolvidos precisa ocorrer de forma voluntária, embora o estímulo para que o círculo aconteça seja uma atribuição do facilitador. Contudo, não se deve

¹ Círculos menos complexos exigem preparação, mas não implicam seguir etapas organizadas como procedimento.

associar a presença dos participantes ao caráter de obrigatoriedade. No prévio consentimento das partes, devem constar todos os pontos propostos no momento inicial deflagrador da metodologia.

É importante que o facilitador se coloque à disposição dos participantes do círculo para que se evidenciem as questões que serão abordadas no decorrer da aplicação da metodologia. É neste momento que serão traçadas as metas para o melhor desenvolvimento do processo de realização do círculo.

Após a exposição das questões envolvidas e do planejamento de metas a serem alcançadas no círculo, o facilitador deverá explicar como funciona todo o processo e sanar possíveis dúvidas que poderão surgir entre as partes, bem como deixar evidentes as regras de como o círculo deve ser realizado, para que a aplicação da metodologia aconteça de forma respeitosa e responsável.

“(...) Em casos mais sérios, a preparação poderá envolver encontros um a um com todas as partes afetadas para uma discussão mais aprofundada a respeito do incidente e dos eventos relacionados.” (BOYES-WATSON e PRANIS, 2015, p. 287).

2. Círculo

É o momento mais importante de todo o processo de desenvolvimento da metodologia. É nele que as pessoas envolvidas se encontrarão para atingir o objetivo que os levaram até aquela ocasião. Todos os participantes precisam atentar-se para um conjunto de critérios que são apresentados pelo facilitador.

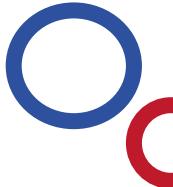
O ideal é que o facilitador tenha uma postura aberta e desprendida de qualquer tipo de julgamento prévio, devendo demonstrar a sua imparcialidade com relação aos envolvidos e às questões motivadoras do círculo.

Pode preceder a realização do círculo, a definição do "plano de disciplina", entendido, neste guia, como "plano de ação restaurativo", ou seja, um acordo coletivo voltado à reparação do dano.

Com relação aos participantes, é importante que elas estejam disponíveis à situação, expondo seus pensamentos e sentimentos, com foco na capacidade de compreender a outra pessoa e de se sentir compreendida.

A duração do círculo dependerá da tipologia e de sua motivação, observando ainda, o quantitativo de participantes. Entretanto, é importante considerar que não se pode provocar a exaustão das pessoas envolvidas para evitar sua dispersão. Se houver necessidade, o círculo pode ser interrompido e retomado em outro momento, devendo o facilitador recuperar a memória de todo o processo, refazendo todas as etapas da metodologia no reinício do processo.

Recomenda-se seguir todas as etapas, mas cada situação deve ser observada pelo facilitador que tem autonomia, junto com o grupo, para decidir se precisarão de outro rearranjo.



3. Pós-círculo – monitoramento do acordo

A terceira etapa deve ocorrer depois de passado um período de tempo de realização do círculo. O facilitador determina essa etapa, que tem como finalidade unir novamente os participantes do processo, para que se possam tomar conhecimento dos resultados do último encontro. Caso tudo tenha ocorrido bem, o procedimento é encerrado.

Mas, se, porventura, acontecer fatos novos que tragam à tona questões determinantes para o círculo, é função do facilitador retomar e reposicionar os objetivos.

O acompanhamento, após o acordo, é parte importantíssima do processo de disciplina restaurativa, a fim de checar se o acordo está sendo cumprido a contento ou se será preciso algum ajuste.

O monitoramento é importante para a avaliação final da aplicação da metodologia, observando o cumprimento das metas estabelecidas, permitindo a verificação do grau de resolutividade do procedimento para quem esteve no processo, além de mensurar o grau de satisfação entre os participantes. Caso o resultado se apresente insatisfatório, um novo círculo pode ser proposto.

4. Celebração

"Por fim, quando o acordo estiver terminado, é importante que haja alguma forma de celebração para homenagear a finalização com sucesso. Como diz Nancy Riestenberg, 'Não termina enquanto não se tiver celebrado!' (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011, p. 288).



O círculo sempre adotará uma perspectiva inclusiva.

Serão incluídos na realização do círculo:

- A pessoa que causou o dano;
- A pessoa que sofreu o dano;
- Apoiadores de cada um;
- Funcionários da escola selecionados;
- Às vezes, outros membros da comunidade (tais como colegas de aula);
- Dependendo da complexidade do objeto do círculo, este poderá ser realizado com a participação de um cofacilitador.

Elementos do círculo

- **Disposição das cadeiras:** naturalmente, as cadeiras (eventualmente, almofadas) são dispostas em círculo, sem que haja obstáculos no centro (não se coloca mesa neste espaço). O ideal é que o espaço já esteja preparado para receber os participantes. Contudo, nos círculos realizados em sala de aula pode ser salutar e necessário, por questões de logística, envolver estudantes na arrumação deste espaço.
- **Objeto da palavra:** o objeto da palavra será passado de mão em mão em torno do círculo. Somente a pessoa em posse do objeto poderá se manifestar, e neste momento, não deve ser interrompida. Seu uso cria um espaço no qual todos os participantes podem falar a partir de um lugar de verdade profunda. Deve-se explicar a escolha do objeto, que deve possuir intencionalidade. Aceita-se sempre que alguém passe o objeto da palavra sem manifestar-se verbalmente. Lembre-se: no círculo TUDO É UM CONVITE. Excepcionalmente, o facilitador pode falar sem estar com o objeto da palavra, mas somente caso seja estritamente necessário interferir para manter o espaço equilibrado.² *> Explique como o objeto será usado no círculo sempre que fizer a primeira rodada em que ele for utilizado. Explique que o objeto da palavra é um elemento indispensável no processo circular.*
- **Peca de centro:** o chão ou o centro, no espaço aberto pelo círculo de cadeiras, é o local onde colocam-se as peças de centro. Geralmente é um tecido ou uma esteira que serve de base. Essas peças de centro poderão incluir itens que representam os **valores do eu verdadeiro**, os pressupostos do processo, ou algo que represente a **visão compartilhada do grupo**.

² Segundo a própria metologia dos círculos, pequenos incidentes surgidos no percurso vão se resolvendo pela voz dos que falam na sequencia. Então, salvo efetiva necessidade, não se deve interromper.

O centro muitas vezes enfatiza a **inclusão** ao incorporar símbolos dos indivíduos que estão participando, bem como culturas que estejam representadas no círculo. O que quer que seja colocado no centro deve transmitir uma sensação de acolhimento, hospitalidade e inclusão. A peça de centro deve também reforçar os valores que estão na base do processo. Os facilitadores devem dar atenção especial ao que forem colocar no centro, para que não incluam algo que aliene qualquer um dos participantes.

Exemplo: uma plantinha é sempre bem-vinda e quaisquer objetos que possam criar conexão e tenham significado em correlação ao tema proposto.

> Explique o uso de centro no círculo e o significado de qualquer objeto que você tenha colocado nesse centro. Não é obrigatório ter um centro, porém, ele pode ser muito útil como um ponto de foco, ajudando algumas pessoas a se manifestarem ou a manterem a atenção no grupo.

- **O centro e a liderança compartilhada:** ao longo das rodadas, o centro vai sendo construído coletivamente e acaba por representar a coletividade ali reunida. Por exemplo: o círculo pode iniciar com um tecido e um vaso de flores. Durante a discussão sobre valores, os participantes podem escrever ou desenhar seu valor em um papel e depositá-lo no centro. A depender do objetivo do círculo, pode-se pedir aos participantes, antes do círculo, na fase preparatória, que tragam um objeto que represente um aspecto importante de suas vidas: esse objeto, em alguma rodada, será apresentado por cada um e, em seguida, pode ser depositado no centro. O centro que era composto, no início, pelo tecido e vaso com flores, vai ganhando vida a partir de desenhos, valores, objetos que vão sendo inseridos pelos participantes. Uma peça de centro que contenha algo de cada um é um símbolo poderoso de inclusão, conexão, diversidade e riqueza do grupo.

Roteiro do círculo

Para a aplicação do círculo, recomenda-se observar as seguintes etapas:



0. Acolhimento / boas-vindas

Depois de receber a todos com saudações de boas-vindas e agradecer pela disponibilidade para trabalhar juntos em um espaço compartilhado, se achar conveniente, faça uma breve introdução sobre o contexto do encontro e o uso da metodologia. Esclareça sobre a utilização do objeto da palavra, que já estará presente desde a rodada inicial.

1. Cerimônia de abertura

Aberturas e encerramentos são usados para marcar o espaço dos círculos. Ao abrir esse espaço pela cerimônia de abertura, os participantes experienciam que eles podem estar presentes consigo mesmos e uns com os outros de uma maneira que é diferente dos encontros comuns.

É muito importante marcar de forma explícita o início e o final do círculo.

Em círculo, os participantes são convidados a deixar de lado suas máscaras e proteções, que os distanciam de seu melhor eu e do melhor eu das outras pessoas. A cerimônia de abertura ajuda os participantes a centarem-se, colocarem-se integralmente presentes no espaço, reconhecerem a interconexão, liberarem as distrações não relacionadas ao encontro e a terem em mente os valores do melhor eu.

Exemplos de cerimônias de abertura: leituras reflexivas ou meditativas que se relacionem com a temática a ser trabalhada, respiração com foco, meditação, música, silêncio intencional, movimentos de yoga. É possível também utilizar de dinâmicas com movimentos para descontrair. O nível de intimidade dos participantes deve ser levado em conta ao se escolher as dinâmicas em cada etapa do círculo: se os participantes já se conhecem, é possível fazer dinâmicas mais ativas, até com brincadeiras descontraídas. Em outras situações, o público-alvo ou a temática demandará dinâmicas mais centradas e reflexivas.

A **escolha** do tipo de dinâmica irá depender do **objetivo** do círculo em questão, bem como do **público-alvo**.

Antes de iniciar as "Apresentações (check-in)", geralmente o facilitador apresenta o objeto da palavra, as peças de centro e também explica brevemente o objetivo do encontro circular.

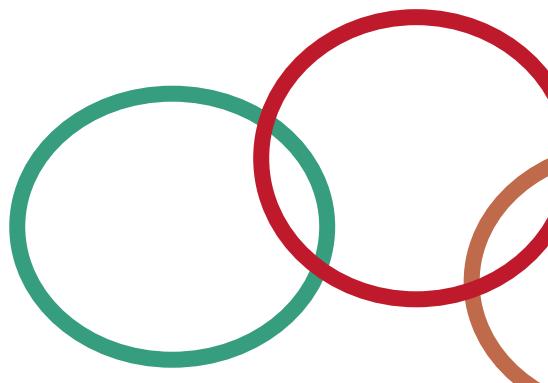
2. Check-in / apresentações

A rodada de apresentação tem o objetivo de iniciar a conexão e, basicamente, gira em torno de uma pergunta que servirá para que os participantes se apresentem e seja possível sentir como eles estão chegando ao círculo. Se os participantes já se conhecerem, foque em uma pergunta que explore como eles estão chegando ao círculo. Neste momento, o facilitador informa que vai passar o objeto da palavra de maneira que todos possam escutar como cada um está se sentindo no momento.

Exemplos de perguntas:

- *Como você está se sentindo hoje?*
- *Existe alguma coisa que você sinta que é importante que saibamos sobre você?*
- *Defina em uma palavra a sua expectativa para esse momento.*

Como se trata da primeira rodada de partilhas, sugerimos que o facilitador seja o primeiro a compartilhar.



3. Construção de valores

Apresente a ideia de que os valores compartilhados são o alicerce dos círculos. "Para determinar os valores compartilhados, nós precisamos antes explorar nossos valores individuais." (BOYES-WATSON, PRANIS, 2011, p. 55).

Exemplo de como conduzir essa rodada: convide os participantes a pensar em um valor que eles incorporam quando eles estão no seu melhor momento. Distribua folhas e disponibilize canetinhas. Convide-os a escrever esse valor usando palavras ou frases no papel. É possível também pedir para que eles se expressem através de desenhos e na hora da partilha eles explicam o valor. A ideia é que cada um, após partilhar o valor escolhido, deposite o papel no centro (com o valor escrito ou o desenho que o representa).

Fazer fechamento ao final da rodada: ao final da rodada, explique que as palavras no centro representam nosso "melhor eu". A "ideia do melhor eu" é parte fundamental do processo circular. O círculo é um espaço organizado intencionalmente para nos ajudar a caminhar em direção do nosso melhor eu a partir de onde estamos. O círculo nos aceita como somos e nos dá apoio para que nos direcione para o nosso melhor eu. Nós descobrimos que os valores que descrevem o "melhor eu" são universais. Cada grupo traz palavras semelhantes.

4. Construção de diretrizes

Após a construção coletiva dos valores do grupo, os participantes trabalham juntos na definição das diretrizes/combinados. As diretrizes articulam os acordos estabelecidos a respeito de como eles conduzir-se-ão no diálogo do círculo: como eles devem agir no círculo, a fim de que os valores que escolheram sejam realmente respeitados. As diretrizes não são impostas aos participantes, mas adotadas por consenso no círculo.

Exemplo de como conduzir essa rodada: passe o objeto da palavra para que os membros do grupo coloquem o que eles precisam dos outros para que este seja um lugar no qual eles possam trazer o seu melhor eu. **Explique que as diretrizes são expressas por meios de "formas de agir".** Pergunte ao grupo se eles necessitam de esclarecimentos. Tome nota das diretrizes que vão sendo faladas.

Fazer fechamento ao final da rodada: terminada a rodada, leia a lista e verifique se há consenso passando o objeto da palavra, perguntando a cada pessoa se ela consegue se comprometer em seguir essas diretrizes. Ao final, deposite a lista com as diretrizes no centro do círculo. Trabalhe com as preocupações levantadas até alcançar consenso para a lista de diretrizes. O facilitador pode sugerir várias diretrizes básicas e perguntar se o grupo está de acordo com elas. Geralmente, incluímos como diretrizes básicas, ações, modos de se comportar no círculo, expressadas com verbos:

- *Respeitar o uso do objeto da palavra;*
- *Cuidar de si mesmo fisicamente;*
- *Falar e escutar com respeito, assegurando confidencialidade;*
- *Honrar o seu tempo de fala e dos demais (usar o tempo que você precisa para falar, lembrando, porém, da necessidade que os outros também têm de falar).*

5. Contação de histórias

"Em círculos de construção de comunidade, e nos círculos sobre conflito ou dificuldade, é importantíssimo investir tempo para que as pessoas compartilhem as histórias de suas próprias vidas, de modo que possam aumentar a compreensão uns dos outros e construir empatia. **As histórias normalmente acabam com os estereótipos e pressuposições que os participantes possam ter uns dos outros.** Essa maior compreensão ou sentimento de conexão possibilita ao grupo a escuta ativa e acolhedora, principalmente nos momentos de discussões delicadas que surgirão, mais adiante, na sequência do círculo. (...) **O facilitador normalmente começa por compartilhar nessa rodada também.**" (grifos nossos) (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011, p. 40).

Explorando os objetivos do círculo – perguntas orientadoras: "Para começar a explorar a questão ou tópico que é o objetivo do círculo, o facilitador faz uma pergunta pertinente e passa o objeto da palavra, e nesta rodada, em geral, fala por último." (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011, p. 40). Nessa fase, os participantes serão conduzidos a conversarem sobre o tema central que motivou o círculo, de maneira respeitosa e colaborativa. Várias perguntas podem servir para provocar o diálogo que levem os participantes a refletirem sobre a temática central do círculo. As perguntas, formuladas eficientemente, deverão:

- *Encorajar os participantes a falar de suas próprias experiências vividas, convidando-os a compartilhar suas histórias;*
- *Contribuir com os participantes para que possam fazer a transição para a discussão e no contexto do debate, dos acontecimentos difíceis ou dolorosos, e do que pode ser feito para promover o alcance do objetivo do círculo;*
- *Orientar as temáticas que serão objeto de acordos a serem pactuados pelos participantes;*
- *Favorecer a manutenção do foco de todos os participantes em torno da temática central, impedindo a dispersão das falas;*
- *Trazer o grupo para a problemática em questão.*



DICA 1: no apêndice do Manual "Círculos em movimento – construindo comunidades escolares restaurativas", das autoras Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson, há um apêndice que traz **exemplos de perguntas norteadoras** que podem ajudar a planejar diferentes círculos. [Clique aqui e acesse o material pensado, especificamente, para contextos escolares](#) ou copie e cole o *link*: www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_e82ffa567b3146599a9a088e94a06c89.pdf

DICA 2: PARA FALAR DOS PROBLEMAS E FAZER PLANOS!

Uma forma prática para conduzir um círculo de disciplina é seguir as etapas e perguntas:



Falando sobre os sentimentos:

- Como você foi afetado por essa situação?
- Como você se sente em relação ao que aconteceu?
- Que parte desta situação tem sido a mais difícil para você?

Levantando necessidades:

- O que é preciso para esta situação melhorar?
- O que precisa acontecer para uma relação a partir de agora?
- O que precisamos fazer agora para reparar o dano que aconteceu e para ter certeza de que não vai ocorrer novamente?

Gerando planos (acordo):

- Como cada um pode se comprometer?
- O que você espera fazer de maneira diferente como resultado deste círculo?
- O que você oferece para auxiliar nesta situação?

Fonte: Escola da Magistratura da AJURIS – Materiais Instrucionais

ATENÇÃO!

Em **círculos de maior complexidade**, que **exigem consenso para a construção do acordo**, especialmente no círculo de conflito/disciplina restaurativa, após a contação de histórias há três microetapas (5A, 5B e 5C) conforme apresentado no quadro explicativo:

Plano de disciplina ou plano de ação restaurativo

Por conta do objetivo de construção de um “plano de disciplina”, que será fruto de consenso entre os participantes e será disposto num acordo escrito e assinado por todos, esse roteiro terá microetapas adicionais visando essa construção. Essas três microetapas virão logo após o momento “Explorando os objetivos do círculo – perguntas orientadoras”:

5A - GERANDO PLANOS PARA UM FUTURO POSITIVO: logo após explorar os objetivos e as questões-problema do círculo, passe o objeto da palavra e pergunte aos participantes o que eles acham que pode ser feito para reparar qualquer dano que tenha ocorrido ou para **criar um futuro positivo**. Numa rodada posterior, pergunte a cada participante **o que ele ou ela podem oferecer** para ajudar a tornar um futuro positivo, realidade.

5B - FAZENDO ACORDOS: as rodadas seguirão até que seja possível chegar-se a um acordo com o qual todos concordem. **O acordo é fruto do consenso**, assim, todos precisarão acreditar em sua razoabilidade para atingir os fins a que se destina, ou seja, de reparar os danos e endireitar as coisas para o futuro. Após colher a concordância de todos, o acordo será **escrito e assinado por todos**.

5C - ESCLARECENDO AS EXPECTATIVAS: por fim, é importante estabelecer coletivamente que **tipo de acompanhamento** eles sugerem para assegurar a integridade do processo e o bom cumprimento do acordo. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011, p. 40-1).

- Para finalizar, serão realizadas, normalmente, as etapas de CHECK-OUT e CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO.

Gerando planos (acordo):

- Como cada um pode se comprometer?
- O que você espera fazer de maneira diferente como resultado deste círculo?
- O que você oferece para auxiliar nesta situação?

Fonte: Escola da Magistratura da AJURIS – Materiais Instrucionais.

6. Check-out

Essa é a última rodada de partilhas e encaminhamentos para o fechamento do círculo. De regra, realiza-se uma sondagem a respeito de como as pessoas estão saindo do círculo, sobre como foi a experiência para elas ou o que elas aprenderam ao longo da experiência. Geralmente, nesse final, o tempo já está bem curto, então, é bem comum que o facilitador peça para que as pessoas digam - em uma palavra ou frase curta - suas impressões acerca da experiência compartilhada. Sugere-se que o facilitador seja a último a falar nessa rodada.

7. Cerimônia de encerramento

Assim como é marcado o início com uma cerimônia de abertura, também é feita uma cerimônia ao encerrar. Ocorre que, nesse momento, geralmente, o tempo também já está bem esgotado, então, é mais comum que se escolha um texto breve, que contenha uma mensagem conexa aos assuntos trabalhados, para realizar o encerramento. Mas, havendo mais tempo, nada impede que se realize uma cerimônia mais elaborada.

É muito importante marcar de forma objetiva o início e o fim do círculo.



DICA 3: As autoras Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson apresentam diversas perguntas orientadoras para a construção das rodadas de apresentação, momentos de saída, contação de histórias, modos de explorar os problemas, de construir acordos e planos para o futuro. De igual modo, apresentam vários exemplos de cerimônias de abertura e encerramento.

Ademais, nos manuais indicados abaixo, especialmente nos dois primeiros, elas também oferecem vários roteiros completos de círculos para as mais diversas temáticas e objetivos. Já no último manual, Kay Pranis apresenta, de maneira objetiva, os pontos chave para a preparação do facilitador.

Aprofunde-se nesses manuais porque eles compõem um material precioso, um verdadeiro "arcabouço" para colocar toda a teoria em prática:

- "No coração da esperança: guia de práticas circulares", de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis;
- "Círculos em movimento: construindo uma comunidade escolar restaurativa", de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis;
- "Círculos de justiça restaurativa e de construção de paz. Guia do facilitador", de Kay Pranis.

No final deste guia, se encontram as referências completas das obras indicadas.

Educador(a), por onde começar?

- **Forme um grupo de referência** na escola para estudar e experimentar as práticas restaurativas;
- **Crie espaços seguros de escuta ativa** — entre adultos e com os estudantes;
- **Utilize recursos acessíveis:** a própria cartilha original, formações locais, apoio da rede de proteção e parceiros;
- Estabeleça combinados coletivos que substituam imposições punitivas por **pactos de convivência** com sentido;
- Na medida do possível, busque **formação especializada** para terem ao menos uma dupla de facilitadores com habilidades **para círculos mais complexos na escola.**



A trilha formativa do facilitador

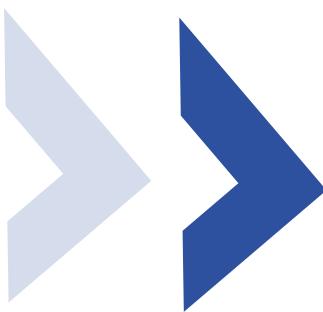
Possivelmente por sua raiz ancestral, as práticas restaurativas - especialmente a metodologia dos círculos de paz - se relacionam com habilidades humanas naturais e conhecimentos intuitivos, que podem ser compreendidos como sabedorias. Por isso, atuar como facilitador remete ao aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades pessoais.

Como alertamos desde o início, a competência para realizar processos circulares de forma confiável e segura, podendo avançar para aplicações mais complexas e estruturadas, exige um aprendizado progressivo. Diante de tudo o que você encontrou nesse guia, e o que terá à disposição com os cursos da AVAMEC, estaremos juntos abrindo caminhos para essa trilha formativa.

O ideal seria você começar vivenciando uma experiência de círculo, conduzida por um facilitador experiente. De todo modo, você pode começar testando por alguns dos modelos roteirizados de círculos de menor complexidade que estamos indicando adiante. Conforme se identifique com a metodologia e se interesse em progredir, recomendamos buscar um curso de formação básica, que habilita para todo o conjunto dos círculos menos complexos – lembrando a importância do treinamento prévio porque, mesmo nesses, a complexidade pode se apresentar a qualquer momento. Numa etapa posterior, conforme for consolidando suas experiências na facilitação de círculos menos complexos, você poderá então ingressar numa formação avançada, para facilitar círculos de conflitos e de maior complexidade. Por fim, o facilitador, com treinamento avançado e experiência consolidada, pode habilitar-se para tornar-se instrutor e multiplicador das práticas na sua comunidade e além. Esse é o percurso formativo que desejamos que você esteja por iniciar aqui.

Conclusão

- Presença versus pressa;
- Igualdade *versus* hierarquia;
- Comunicação compassiva *versus* Comunicação violenta;
- Construção de bons relacionamentos *versus* resultados imediatistas.



Ambiência
emocionalmente
segura

O círculo é uma metodologia que contribui para a construção de uma ambiência segura, onde a escuta, o respeito e o diálogo se tornam práticas cotidianas. Esses elementos são fundamentais para o fortalecimento dos vínculos na comunidade escolar e para a abordagem cuidadosa e construtiva de situações de conflito.

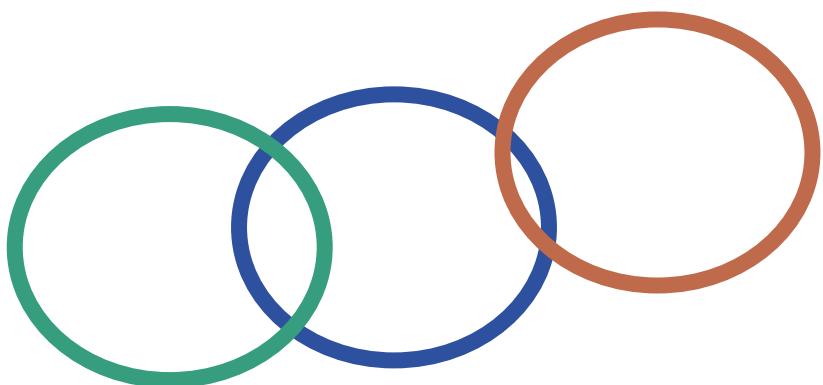
Construir um ambiente saudável para crianças, adolescentes e profissionais da educação é uma ação contínua, que demanda compromisso cotidiano da escola com os valores da convivência, da corresponsabilidade e do cuidado mútuo. **O processo circular pode favorecer a escuta ativa, a empatia e o senso de pertencimento, ampliando as possibilidades de diálogo entre os diferentes sujeitos escolares.**

Ao mesmo tempo, implementar práticas circulares na escola exige atenção à intencionalidade pedagógica e ao respeito à diversidade de contextos. É importante reconhecer que alguns tipos de círculo demandam formação específica e atuação de profissionais habilitados. Por isso, a utilização dessa metodologia deve estar articulada à formação continuada, ao trabalho em equipe e ao planejamento institucional.

Este guia é um convite à familiarização com os conceitos e princípios das práticas circulares no ambiente escolar. Para profissionais interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre os conteúdos apresentados aqui, o MEC disponibiliza, na [plataforma AVAMEC](#), os cursos autoinstrucionais:

- "Práticas restaurativas: construindo escolas seguras e promovendo a cultura de paz";
- "Técnicas de facilitação de círculos restaurativos na 'teia da paz' da escola".

A formação qualificada é um passo fundamental para que as práticas restaurativas possam, de fato, fortalecer a cultura de paz, a permanência escolar e a convivência democrática nas escolas.



ANEXOS

ANEXO A | PRÁTICAS AVULSAS E CÍRCULOS SIMPLIFICADOS PARA FACILITADORES INICIANTES OU SEM FORMAÇÃO

Se você deseja iniciar práticas restaurativas com sua turma, mesmo sem ainda ser um facilitador certificado, é possível começar com algumas experiências simples e significativas que promovem a conexão, o cuidado e o fortalecimento dos vínculos.

Habituando a turma a conviver em círculo

Procure trabalhar sempre que possível com a turma reunida em círculo, de preferência sem mesas ao centro. Inicie a prática, quando menos, com um momento de centramento como, por exemplo, fazendo três respirações profundas.

Utilizando o objeto da palavra

Além da organização da turma em círculo, é possível a qualquer momento fazer circular o objeto da palavra, criando rodas de conversas estruturadas, que funcionarão como círculos informais.

Exemplo: introduzindo o uso do objeto da palavra:

Como forma de treinar a utilização do objeto da palavra, escolher um objeto, explicar por que escolheu esse determinado objeto; explicar o funcionamento no círculo. Passar o objeto da palavra pedindo que ao recebê-lo conte até cinco mentalmente antes de passá-lo para a pessoa ao seu lado.

Exemplo: partilhando percepções.

Após ler um trecho de livro solicitado pela professora ou pelo professor, passar o objeto da palavra pedindo que cada um compartilhe o que mais gostou ou o que menos gostou na leitura. Pode-se usar a mesma dinâmica para filmes.

Cerimônias de abertura

Uma abertura “cerimonial” permite destacar qualquer momento de encontro como uma atividade de maior conexão e interação mais profunda, capaz de trazer o grupo para o momento presente.

Algumas ideias:

- Atividade de atenção plena (como respiração consciente);
- Leitura de uma mensagem inspiradora;
- Leitura de um livro de literatura infantil;
- Escuta de uma música suave ou significativa.

Exemplo: escutando um trecho de uma música em silêncio como abertura do círculo.

Um participante por vez inicia, fazendo gestos para expressar como está se sentindo. Em seguida, todos imitam o gesto. O próximo participante faz o seu gesto... e assim por diante.

Praticando check-in

Uma excelente forma de começar e terminar a semana é com um momento de escuta e presença. O check-in permite que cada aluno expresse como está chegando para o dia ou semana de aula. Essa prática oferece uma oportunidade estruturada para os alunos se conectarem uns com os outros e com os adultos na sala. Nessas reuniões os alunos são convidados a compartilhar sentimentos e experiências e apresentar quaisquer questões que possam ter surgido desde o encontro anterior.

Exemplos de perguntas de check-in:

- Como você está chegando para esta semana?
- Conte algo legal que aconteceu com você no fim de semana.
- Qual foi a melhor coisa que aconteceu com você na semana passada e que te faz sorrir ao lembrar?

Praticando check-out

Do mesmo modo que o check-in, o check-out permitirá expressar como passou esses dias na escola e como está saindo para o final de semana.

Cerimônias de encerramento

Ao final de cada encontro em círculo, proponha um fechamento simbólico que reforce a escuta, a valorização do outro e a gratidão pelo momento compartilhado.

Sugestões de dinâmicas para encerramento:

- **Dinâmica 1 - Minha mão na tua mão:** o facilitador diz: "eu te ofereço a minha mão" (com a palma voltada para cima). A pessoa ao lado responde: "minha mão na sua mão." A ação segue até que todos estejam conectados pelas mãos.
- **Dinâmica 2 - Cumprimento criativo:** cada participante cumprimenta o colega à sua direita de uma forma diferente, sem repetir gestos já utilizados.
- **Dinâmica 3 - Caixa de mensagens:** uma caixa com mensagens positivas é passada no círculo. Cada pessoa retira uma mensagem e a lê para o grupo ou para o colega ao lado.

Utilize a criatividade utilizando os círculos

- **Caixa da escuta ou empatia:** crie uma caixa da escuta ou empatia e deixe disponível em sala de aula. Os alunos podem escrever anonimamente ou se identificarem, sugerindo temas que gostariam que fossem abordados no grupo. Uma vez por semana selecione uma ou duas mensagens, respeitando o sigilo, e promovendo conversas ou reflexões sobre os temas que os alunos escreveram.

- **Bilhetes restaurativos:** para que os estudantes possam expressar sentimentos e promover reconexão quando houver algum desentendimento ou pequenos desconfortos ou conflitos leves. Após o ocorrido, distribua aos alunos bilhetes para que escrevam frases como: "Eu me senti....quando aconteceu...."; "Eu gostaria que...."; Posso fazer. ... para ajudar as coisas ficarem melhores". O facilitador pode mediar a troca de bilhetes ou criar uma "Caixinha de reconciliação" onde os alunos podem deixar os bilhetes. Conforme a necessidade, os bilhetes são compartilhados em sala de aula.
- **Círculos para acordos de convivência:** utilize objeto da palavra para que os estudantes manifestem o que pensam que devem fazer e não se deve fazer para uma convivência harmoniosa em aula. Anote as combinações em um cartaz. Um contrato de sala de aula liderado pelos estudantes, em que eles realmente tenham voz, permite que se posicionem e façam escolhas para criar o ambiente de aprendizado em que se veem representados.
- **Círculos para acertar as pontas:** quando as regras estabelecidas no contrato de convivência são quebradas, tem-se uma excelente oportunidade para a prática de perguntas restaurativas. Ao invés de perguntar o que o aluno que desrespeitou as regras merecem, pode-se perguntar: Qual combinado não foi respeitado? Como podemos voltar a eles juntos?

Sugestões para quem quer ir mais além:

Para quem está interessado em continuar aprofundando a sua prática, nos cursos disponibilizados na Plataforma AVAMEC você encontrará suporte técnico consistente para aprofundar o conteúdo deste guia.

Também indicamos visitar o site www.circulosemmovimento.org.br, no qual é possível conhecer e baixar o PDF completo do Manual círculos em movimento, das autoras Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson. Além de importantes esclarecimentos teóricos, você vai encontrar 112 modelos de círculos, distribuídos por temáticas de diversos graus de complexidade.

Experimente com sua turma os seguintes roteiros:

- Círculo de apresentação do objeto da palavra – pág. 51

www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_c71e01473c864577b9be98530204ee68.pdf

- Círculo dos três minutos de foco – pág. 87

www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_8680808c136c49748e75b37821042b35.pdf

- Círculo de check-in – pág. 91

www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_261b8840a0af44d3820d6443c363c705.pdf

Essas práticas são um convite à escuta, ao respeito mútuo e ao fortalecimento das relações.

Experimente com sua turma e observe os efeitos positivos que pequenos gestos podem provocar.

ANEXO B – GLOSSÁRIO

A JR tem sido referida como “uma prática à busca de uma teoria”. Do mesmo modo, o campo das práticas restaurativas ainda é um campo em construção, e por isso não se pode ainda contar com uma taxionomia consolidada. Por isso esclarecemos que a redação desse guia, sem pretender ser definitiva, foi baseada nas definições a seguir:

- **Práticas restaurativas** – gênero abrangente das diversas metodologias estruturadas de diálogo aplicadas a partir de um enfoque restaurativo;
- **Enfoque restaurativo** – abordagem, ponto de vista, visão informada pelos princípios e valores restaurativos, notadamente participação direta dos envolvidos com foco em escuta de necessidades, responsabilização e reparação de danos;
- **Círculos restaurativos** – embora comumente utilizado para se referir às práticas restaurativas circulares de modo geral, a expressão é associada mais especificamente à modalidade de prática restaurativa desenvolvida no Brasil com base numa combinação da CNV com as conferências restaurativas da Nova Zelândia;
- **Círculos de construção de paz** – metodologia estruturada de diálogo sistematizada a partir das tradições de povos originários canadenses, é a prática restaurativa mais largamente difundida no Brasil;
- **Processos circulares** – comumente utilizado como sinônimo dos círculos de construção de paz, dado ser o título do livro da Kay Pranis e a forma como referidos nesta publicação;
- **Procedimento circular** – percurso abrangente das diversas etapas e atividades preparatórias e de acompanhamento posterior da realização de um círculo restaurativo e/ou círculo de construção de paz aplicado em situações de conflito;
- **Práticas circulares** – expressão genérica que, conforme o contexto, tanto pode eventualmente se referir às práticas propriamente restaurativas, quanto a outras atividades circulares não restaurativas como, por exemplo, rodas de conversa ou danças circulares.

Referências

BOYES-WATSON, Carolyn e PRANIS, Kay. "**Círculos em Movimento: construindo uma comunidade escolar restaurativa**". Tradução de Fátima de Bastiani. 2015. Em:

www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_ae023f8cc1b34d9fb010388dcd00076f.pdf. Acesso em junho de 2024.

BOYES-WATSON, Carolyn e PRANIS, Kay. **No Coração da Esperança: Guia de Práticas Circulares**.

O uso de construção de paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011. Disponível em:

www.pt.scribd.com/document/741026988/No-Coracao-Da-Esperanca-Praticas-Circulares-Kay-Pranis-1-1 Acesso em outubro de 2024.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Diálogos e mediação de conflitos nas escolas**: um guia prático para educadores. Brasília, 2014.

FORELLI, José Osmir. MANGINI, Rosana Cthya Ragazzoni Mangini. **Psicologia Jurídica**. São Paulo: Atlas, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KRIEGER GROSSI, P., MENDES DOS SANTOS, A., BARROS DE OLIVEIRA, S., & DA SILVA FABIS, C. (2009). **IMPLEMENTANDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ**. Revista Diálogo Educacional, 9(28), 497–510. www.doi.org/10.7213/rde.v9i28.3304

McCOLD, Paul. **Em Busca de um Paradigma: Uma Teoria de Justiça Restaurativa**. IIRP, 31 maio. 2016. Disponível em: www.iirp.edu/news/em-busca-de-um-paradigma-uma-teoria-de-justica-restaurativa. Acesso em junho de 2025.

MEDEIROS, Josineide Gadelha Pamplona; SILVA NETO, Nirson Medeiros da. **Breve histórico da justiça restaurativa no âmbito do Poder Judiciário brasileiro**. Disponível em: www.academia.edu/44439676/BREVE_HIST%C3%93RICO_DA_JUSTI%C3%87A_RESTAURATIVA_NO_%C3%82MBITO_DO_PODER_JUDICI%C3%81RIO_BRASILEIRO. Acesso em: 26 jun. 2025.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Justiça restaurativa no ambiente escolar: instaurando o novo paradigma**. Rio de Janeiro: MPRJ, 2016. Disponível em: www.mprj.mp.br/documents/20184/69946/cartilha_justica_restaurativa.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

NUNES, Antônio Carlos Ozório. **Diálogos e Práticas Restaurativas nas Escolas**. Disponível em: www.efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/wp-content/uploads/2019/11/Di%C3%A1logos-e-Pr%C3%ADcticas-Restaurativas-nas-Escolas.pdf. Acesso em outubro de 2024.

ORTH, Gláucia Mayara Niedermeyer; GRAF, Paloma Machado (Orgs.). **Sulear a justiça restaurativa: as contribuições latino-americanas para a construção do movimento restaurativo**, 2020.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Círculos de Diálogo: base restaurativa para a justiça e os direitos humanos**
(In: Direitos humanos e políticas públicas. Silva, Eduardo F., Gediel, José A. P., Trauczynski, Silvia C.
Curitiba: Universidade Positivo, 2014. 432 p.).

PIEDADE, Fernando Oliveira. SILVA, Quilza da Silva e. **Revisitando os círculos restaurativos; da teoria à prática.** 2015. Disponível em:

www.online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/13121/2386. Acesso em junho de 2024.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz. Guia do facilitador.**

Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011. Disponível em: www.pt.scribd.com/document/729858282/Guia-do-Facilitador-Kay-Pranis. Acesso em outubro de 2024.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2017.

SILVA, Silvia. **Comunicação Não-Violenta enquanto linguagem de que paz**. Medium, 21 jan. 2021. Disponível em: www.medium.com/@silviasilva_BH/comunic%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-violenta-enquanto-linguagem-de-que-paz-44cd8fff6ebf. Acesso em: 26 jun. 2025.

UNICEF. **O Impacto das múltiplas violações de direitos contra crianças e adolescentes**. Uma análise intersetorial sobre as mortes violentas de crianças e adolescentes no estado de São Paulo de 2015 a 2022". São Paulo, Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CPPHA), Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 2024. Disponível em: www.unicef.org/brazil/media/30281/file/0%20impacto%20das%20m%C3%BAltiplas%20viola%C3%A7%C3%A3o%C3%93%C3%89s%20de%20direitos%20nos%20mortes%20violentas%20de%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes_2015%20a%202022.pdf.pdf. Acesso em outubro de 2024.

ZEHR, Howard. **Trocando as Lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

_____. **Justiça Restaurativa e Processo Circular nas Varas de Infância e Juventude**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena. Arquivo em pdf. 2010. In: www.pt.scribd.com/document/520297651/JR-e-Processos-circulares-varas-Kay-Pranis. Acesso em junho de 2024.

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO DO

BRASIL

DO LADO DO POVO BRASILEIRO